

Regras de construção de palavras sufixadas em *-agem* no português europeu

Iovka Bojfova Tchobánova

Universidade de Sófia "St. Clemente de Ohrida" – Bulgária

O objectivo deste trabalho é apresentar as regras de construção de palavras (RCP) das quais são produto as palavras sufixadas em *-agem* (Exs.: *ciganagem*, *vagabundagem*, *folhagem*, *blindagem*, *cabotinagem*, etc.). Como modelo teórico utiliza-se o modelo de morfologia construcional associativo e estratificado de D. Corbin (Universidade de Lille III, 1987, 1991). Têm-se em conta, também, as análises realizadas para o português no quadro deste modelo por G. M. Rio-Torto (1986, 1987, 1994, 1998) e M. Correia (1988, 1992, 1995, 1999). Analisa-se um corpus de cerca de 400 unidades lexicais construídas, sufixadas em *-agem*, extraídas de diferentes dicionários de língua portuguesa¹, entre os quais o Dicionário Electrónico da Porto Editora (1996), assim como o Dicionário Inverso do Português (1993) de Ernesto de Andrade. Ficam fora do alcance da análise as cerca de 50 palavras sufixadas em *-agem* mas que não são construídas no português, são importações do francês ou do provençal. Exs.: *bagagem* (Do fr. *bagage*), *linhagem* (Do fr. *lignage*), *verbiagem* (Do fr. *verbiage*), *espiagem* (Do fr. *espionnage*), *libertinagem* (Do fr. *libertinage*), *equipagem* (Do fr. *équipage*), *boscagem* (Do prov. *boscatge*), *carriagem* (Do prov. *carriatge*), *vassalagem* (Do prov. *vassaladge*), *visagem* (Do prov. *visatge*), *linguagem* (Do prov. *lenguatge*).

Origem do sufixo português *-agem*

Antes de proceder ao estudo das acepções dos derivados em *-agem* pode analisar-se a etimologia deste sufixo. As gramáticas² e os dicionários³ indicam que as palavras sufixadas em *-agem* são produto da evolução de dois sufixos distintos em latim

¹ COSTA, J. Almeida & A. Sampaio e MELO (1998) Dicionário da Língua Portuguesa, 8 ed. revista, Porto Editora, Porto (DLP); FERREIRA, Aurélio Buarque da Holanda (1986) Novo Dicionário da Língua Portuguesa, 2 edição revista e aumentada, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro (NDLP); FIGUEIREDO, Cândido (1996) Grande Dicionário da Língua Portuguesa, 25 ed., 2 vol., Bertrand, Lisboa (GDLP); MORAIS SILVA, António de (1961) Grande Dicionário da Língua Portuguesa, 10 edição revista e aumentada, Editorial Confluência ?

² NUNES, J. J., Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa, 1930, p. 387; CÂMARA, J. Mattoso Jr., História e Estrutura da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, 1979, p. 220.

³ DELP, J. Pedro Machado, 10 ed., 1949-58, p. 142; NDALP, p. 49-50.

– do sufixo -AGINE e do sufixo -ATICU. O primeiro sufixo, -AGINE, desenvolveu-se e deu em português palavras femininas, terminadas em nasal: *imagem*, *voragem*, etc. O segundo sufixo, -ATICU, no galaico-português teve como produtos palavras terminadas em *-ádego* (*padroádego*, *montádego*). Só em alguns cultismos se conservou na forma primitiva: *viático*. O mesmo sufixo em francês produziu palavras do género masculino não nasalizadas: *lignage*, *ménage*. As palavras francesas, terminadas em *-age*, masculinas e não nasalizadas, começaram a entrar no português, primitivamente sem alteração, conservando-se no género masculino e com o final não nasalizado, mas, com o tempo, convergiram com os produtos do sufixo -AGINE, tornando-se do género feminino e nasalizadas: *bagagem*, *carceragem*, *equipagem*, *linguagem*, *linhagem*, etc. Aliás, em português, à excepção do lexema *personagem* que tanto aparece no género feminino como no género masculino todos os derivados, produto da sufixação em *-agem*, são do género feminino, o que constitui uma diferença em comparação com os seus equivalentes em francês e em espanhol, respectivamente *-age* e *-aje*.

Análise das características morfológicas das bases às quais se junta o sufixo *-agem*.

No que se refere à categoria sintáctica da base os dicionários fornecem-nos também informações acerca da procedência denominal ou deverbal dos derivados em *-agem*. Observa-se que segundo esses dicionários os produtos deverbais em *-agem* são muito mais numerosos do que os produtos denominais. Às vezes, algumas das palavras são interpretadas quer como denominais, quer como deverbais, assim acontecendo com *amostragem*, palavra construída com base em *amostra* ou *amostrar* ou com *aparelhagem*, palavra derivada de *aparelho* ou *aparelhar*. O mesmo acontece com *apeiragem* e com algumas mais.

Acepções dos derivados em *-agem*

A análise do corpus das 400 unidades em estudo permite-nos afirmar que os derivados em *-agem* são produto de duas regras de construção de palavras, ou seja, estamos na presença de dois homónimos (*-agem*₁ e *-agem*₂), o que fica patente também em alguns dicionários e gramáticas compulsadas⁴.

⁴ GOÉS, Carlos, Dicionário de affixos e desinencias, Typographia americana de Renato Americano, Bello Horizonte (Minas), 2a ed., 1930, p. 15: "Agem – suffixo vernaculo formador de substantivos, exprime: a) Collecção: *folhagem*, *criadagem*; b) Efeito: *lavagem*; c) Estado: *aprendizagem*. Dicionário Geral Luso-Brasileiro, vol. 1, p. 425: "...agem, suf. que indica: acção de continuidade: *aragem*, *moagem*, *lavagem*, etc.; colecção ou ajuntamento: *criadagem*, *folhagem*, *roupagem*, etc.; estado: *aprendizagem*, etc.

SAID ALI, M., Gramática Histórica da Língua Portuguesa, São Paulo, Melhoramentos, 1964, p. 235: "Tem o sufixo *-agem* sentido muito variável. Em *plumagem*, *ramagem*, *pastagem*, *roupagem*, *ferragem*, *folhagem*, acrescenta aos termos derivantes a noção coletiva; *portagem*, *barcagem*, *carceragem*, *fumagem*, significam ou significavam certos impostos; *abordagem*, *hospedagem*, *malandragem*, *ladroagem*, *vadiagem*, *aprendizagem* denotam atos ou estados;

Os nomes denominais são produto da regra de construção de palavras de quantidade que permite a construção de nomes de quantidade que se podem subdividir em nomes colectivos e nomes intensificadores em dependência do carácter da base (\pm CONTÁVEL).

A análise estatística do corpus indica que os nomes de quantidade são consideravelmente menos numerosos do que os nomes de acção. Observa-se que cerca de 94 palavras, ou seja, 1/4 parte do corpus, tem acepções colectivas. Isso significa que este sufixo se caracteriza pela sua relativamente grande disponibilidade para formar nomes colectivos ocupando o quarto lugar entre os sufixos portugueses. De acordo com os dados do corpus lexicográfico total recolhido os sufixos mais produtivos para formar colectivos são *-ada* (260), *-al* (240) e *-aria* (160).

Entre os nomes de quantidade distinguem-se os nomes colectivos e os nomes intensificadores em dependência do traço [\pm CONTÁVEL] da base.

Paráfrases dos nomes de quantidade conforme a descrição nos dicionários

Estudando as definições das palavras em *-agem* com acepção colectiva observa-se que os descritores⁵ mais frequentes, usados para definir os nomes colectivos, ordenados por ordem decrescente, são os seguintes:

- "conjunto" de Nb (28 vezes). Exs.: *aparelhagem, criadagem, famulagem, plumagem, ramagem, etc.*;
- remissão para sinónimos (22 vezes). Exs.: *ciscalhagem, fardagem, velhacagem, cascabulhagem, etc.*;
- uso do artigo definido plural *os (as)* Nb (13 vezes). Exs.: *ladroagem, malandragem, etc.*;
- "número" de Nb. Exs.: *quilometragem, percentagem, voltagem, etc.*

Os descritores a seguir aparecem esporadicamente, ou seja, uma ou duas vezes: "agrupamento" de Nb (*badanagem*), "ajuntamento" de Nb (*bestiagem*), "súcia" de Nb (*bilontragem, biltragem*), "rancho" de Nb (*cabanagem*), "multidão de Nb" (*ciganagem, vilanagem*), "porção" de Nb (*fardagem, fiapagem*), "bando" de Nb (*gatunagem, marotagem*), etc.

DELP, José Pedro Machado, Livros Horizonte, 3a ed., vol. 1, 1977, p. 142: "*-Agem*. Indica as ideias de: colecção; estado; acção ou resultado dessa acção: *abordagem, adubagem, aprendizagem, barcagem, carceragem, criadagem, ferragem, folhagem, friagem, funagem, hospedagem, ladroagem, malandragem, pastagem*.

⁵ O descritor é o hiperónimo que indica a classe semântica da unidade lexical tratada no dicionário ao qual se acrescentam alguns traços particulares que caracterizam a mesma (Cf. Solé, Elisabet Solé (1996) *Morfologia lèxica: els noms collectius reconeixement en diccionaris de llengua general*, Universitat Pompeu Fabra, Treball de recerca

Classificação dos nomes de quantidade conforme a semântica da base

a) A maior parte dos nomes de quantidade (por volta de 30 unidades lexicais) tem uma base que possui o traço [+ANIMADO] e [+HUMANO]: *afilhadagem, badanagem, bilontragem, biltragem, cabanagem, ciganagem, criadagem, fadistagem, famulagem, futricagem, garotagem, gatunagem, grumetagem, ladroagem, maganagem, malandragem, marinhagem, mariolagem, marotagem, matulagem, miudagem, pelintragem, peonagem, piratagem, sarandagem, tuanantagem, varia-nagem, velhacagem, vilanagem*.

b) Segue o grupo dos nomes de quantidade (por volta de 25) cuja base possui os traços [-ANIMADO], [+OBJETO CONCRETO]: *amostragem, aparelhagem, apeiragem, argolagem, bonecagem, bonecragem, cordoagem, correagem, fardagem, fardelagem, farrapagem, fatagem, fiapagem, fogagem, folhagem, frascagem, pelagem, plumagem, ramagem, roupagem, trapagem, tripagem, tubagem, utensilagem, vinhagem*. A semântica destes nomes de base é bastante variada: há bases que denominam plantas ou partes delas (*folhagem, ramagem, vinhagem*), objectos fabricados pelo homem (*aparelhagem, utensilhagem, tubagem, argolagem, cor-doagem, Ocorreagem, roupagem, etc.*).

c) Em terceiro lugar está o grupo dos nomes de quantidade cuja base possui o traço [-CONTÁVEL]: *cascabulhagem, ciscalhagem, cirandagem, ervagem, farelagem, ferragem, fundagem, etc.* Estes nomes de quantidade, conforme o estabelecido anteriormente são os chamados nomes intensificadores ou acrescentadores.

d) A base dos nomes colectivos deste grupo é uma unidade de medida que se pode exprimir por um cardinal: *quilometragem, voltagem, amperagem, percentagem, metragem, tonelagem, etc.* Neste caso o descritor mais frequente é “número” de Nb. O característico dos conjuntos é que eles são ordenados e podem formar séries. Os colectivos deste tipo têm referência dependente, ou seja, a sua referência tem que ser completada por um sintagma preposicional (ex.: *a voltagem do aparelho, a quilometragem do carro, etc.*).

e) O nome colectivo *bestiagem* é o único que tem uma base com o traço [+ANIMAL]. As observações sobre os nomes colectivos em geral indicam-nos que o sufixo *-ada* escolhe preferentemente como base nomes de animais: *boiada, cabrada, porcada, vacada, etc.*

Pontos de interferência dos nomes colectivos em *-agem* cuja base tem o traço [+HUMANO] com outros tipos de nomes

Observando mais atentamente os colectivos do primeiro grupo cuja base tem o traço [+HUMANO] salta à vista o facto de que quase todos têm uma conotação

pejorativa. Perguntamo-nos se esta conotação se deve à base ou ao sufixo. Observamos que as bases destes derivados denominam grupos sociais e etnias marginalizadas (*ciganagem, gatunagem, ladroagem, malandragem, mariolagem, matulagem, tunantagem*), profissões sem prestígio social (*varinagem, famulagem, criadagem, fadistagem*, etc.), profissões não instituídas (*piratagem, fadistagem, vagabundagem, vadiagem*), menores de idade (*garotagem, miudagem, marotagem*). Só as palavras *afilhadagem, grumetagem* e *marinhagem* têm uma base neutra, ou seja sem matiz avaliativo. Esta breve análise permite concluir que a conotação pejorativa se deve à base e não à instrução semântica do sufixo *-agem*.

Outra regularidade que constatámos é que alguns nomes colectivos deste grupo têm interferências sistémicas com os nomes de qualidade. A sua base tanto pode ser substantivo como adjectivo, ou seja, estamos em presença dos assim chamados nomes predicativos. Além da acepção colectiva de forma sistémica na definição aparece a acepção de qualidade, parafraseável por “acto e dito de Nb”, “vida de Nb”, “conduta de Nb”, “comportamento próprio de Nb”, “qualidade de Nb”. Exs.:

biltragem (De *biltre*, Adj. e S.) Súcia de biltres; acção de biltre (DLP); Procedimento de biltre (GDLP);

ciganagem (De *cigano*, S. e Adj.) Multidão de ciganos; acto de cigano; trapaça; ciganice; ciganaria (DLP); Grupo de ciganos; Acto ou dito próprio de cigano; ciganice, trapaça, logro, engano (GDLP);

fadistagem (De *fadista* S. e Adj.) Vida de fadista; grupo de fadistas (DLP); A classe dos fadistas; Vida de fadistas (GDLP);

gatunagem (De *gatuno*, Adj. e S.) Bando de gatunos; quadrilha; proeza de gatunos; vida de gatuno (DLP); Porção de gatunos; os gatunos; Vida de gatuno; Acto de gatuno (GDLP); Acção própria de gatuno; gatunice, roubo, furto, rapinagem [...]; Bando de gatunos; os gatunos; 3. A vida de gatunos (NDLP);

malandragem (De *malandro*, Adj. e S.) Os malandros; acto ou dito de malandro (DLP); Conjunto de malandros; Acção de malandro; malandrice (GDLP); 1. Súcia de malandros 2. Qualidade, ato, dito, modos ou vida de malandro (NDLP);

marotagem (De *maroto*, Adj. e S.) Acto de maroto; maroteira; bando de marotos (DLP); 1. Maroteira 2. Multidão de marotos (NDLP)

pelintragem (De *pelintra* Adj. e S.) Qualidade de pelintra; acção de pelintra; os pelintras (DLP);

tunantagem (De *tunante* Adj. e S.) Conjunto de tunantes; tunantaria (DLP); Malta de tunantes; Hábito ou modo de tunante; Qualidade ou acto de tunante (GDLP).

A relação que os “nomina quantitatis” em *-agem* mantêm com os nomes de qualidade ou os essivos é salientada por todos os estudiosos que se debruçaram

recentemente sobre a formação de palavras⁶. Outros operadores desta regra são os sufixos: *-ado* (*voluntariado*); *-aria* (*calmaria*); *-ato* (*anonimato*); *-eir-* (*cegueira*); *-dade* (*atlanticidade*; *teatralidade*); *-dão* (*vermelhidão*); *-eza* (*delicadeza*); *-ia* (*autonomia*); *-ice* (*garridice*); *-ismo* (*casticismo*); *-tude* (*altitude*); *-ume* (*negrume*); *-ura* (*brancura*, *frescura*).^{7 8}

Põe-se o problema se o movimento foi do significado colectivo para o qualitativo ou em sentido contrário. Partindo dos dados estatísticos (30 nomes de quantidade frente a 8 que acusam também a acepção qualitativa) diríamos que o significado colectivo é o primário. Também atendendo à ordem de registo das acepções nos dicionários constata-se que na maioria dos casos a acepção colectiva vem em primeiro lugar mas este facto não é convincente devido à existência de diferentes critérios no registo das acepções nos dicionários.

Para além do significado previsível e invariante associado aos produtos da RCP QUANT, verifica-se que alguns deles apresentam conteúdos secundários, imprevisíveis, que só podem ser interpretados como convencionais e idiossincráticos. São exemplo, entre outros:

cabanagem *s. f.* Nome dado à sedição que houve na Amazónia de 1834 a 1836;

politicagem *s. f.* Os maus políticos;

remendagem *s. f. Tip.* Trabalhos tipográficos miúdos.

Tentando descobrir se o sufixo *-agem* escolhe preferentemente determinado tipo de bases para formar colectivos, assim como o fazem os sufixos *-al*, *-edo*, *-ada*, *-ura*, etc., procedeu-se a um levantamento dos nomes colectivos em *-agem* e dos seus sinónimos em *-ada*, *-aria*, *-ame*, *-edo*, etc. que apresentam uma base comum (ex.: *folhagem*, *folhada*, *folharia*, *folhame*; *folhedo*; *ciganagem*, *ciganada*, *ciganaria*; *garotagem*, *garotada*; *velhacagem*, *velhacada*, *velhacaria*, etc.)

Apeiragem – apeiria

Bonecagem – bonecada

Bonecragem – bonecrada

Bestiagem – bestiame

⁶ RIO-TORTO, G. M., Regras de Formação de Palavras em Português: achegas para um quadro geral. In: Didáctica, No 9, 1994, p. 340

VILELA, Mário, Estruturas lexicais em português, Livraria Almedina, Coimbra, 1994, p.71

CORREIA, Margarita, Tese de Doutoramento, Lisboa, 1999, p.355

⁷ RIO-TORTO, G. M., Regras de formação de palavras em português: achegas para um quadro geral. In: Didáctica, No 9, 1994, p. 329.

⁸ O paradigma morfológico da RCP QUAL que define M. CORREIA na seu tese de doutoramento dedicada à Denominação das qualidades – contributos para a compreensão da estrutura do léxico português (1999) é mais reduzido: *-eir-*, *-idade*, *-idão*, *-eza*, *-ice*, *-ia*, *-ismo*, *-ura*.

bilragem – biltraria
ciganagem – ciganada – ciganaria
 cordagem – cordame
 cordoagem – cordoame
correagem – correame
ervagem – ervedo
 relvagem – relvedo
 farelagem – farelada
 farrapagem – farrapada – farraparia
folhagem – folhada – folharia – folhame – folhedo – folhelho
 frascagem – frascaria
 futricagem – futricada
 garotagem – garotada
 mariolagem – mariolada
pelagem – pelame
 piratagem – pirataria
ramagem – ramaria
 roupagem – rouparia
 trapagem – trapada
 tripagem – tripalhada
 tunantagem – tunantaria
 velhacagem – velhacada – velhacaria
vilanagem – vilania
 vinhagem – vinhedo – vinhal

Apesar de muitos derivados colectivos em *-agem1* serem definidos através de remissões a sinónimos sabe-se que os sinónimos completos são escassos. Existem diferenças de uso, diferenças de registro, etc. O funcionamento dos derivados com diferentes sufixos mas com base comum pode avaliar-se só se se tomarem em conta outras dimensões, nomeadamente de natureza contextual o que implica uma abordagem multifacetada dos factos linguísticos. Os dados do quadro podem servir de base para uma análise posterior utilizando o Corpus de Referência do Centro de Linguística.

Os sinónimos dos nomes colectivos com diferentes sufixos, sem dúvida, caracterizam-se pela sua maior ou menor frequência de uso. Um pequeno inquérito junto de falantes nativos mostrou que as formas sublinhadas são as formas mais usadas por eles.

Como já dissemos o sufixo *-agem2* serve para formar nomes deverbais de acção ou resultado da acção.

Os outros operadores morfológicos da RCP ACT são os sufixos: *-mento* (*acollhimento, ferimento*), *-ção* (*atrapalhação, contabilização*), *-ada* (*entrada*), *-ida*

(*saída, partida*), *-dela (telefonadela)*, *-ado (agregado)*, *-ato (assassinato)*, *-dura (mordedura)*, *-ança (vingança)*, *-ância (observância)*, *-ência (anuência)*, *-ença (crença)*, *-ão, -ario, -ia, -aria (zombaria)*.

Neste caso observa-se um movimento em sentido contrário: do significado de acção passa-se para o significado colectivo. A relação é entre os “nomina actionis” e os nomes de quantidade. Os nomes deverbais de acção são parafraseáveis por “o facto de V”, “acção, processo, estado (decorrente) de V”. Alguns deverbais em *-agem*² acusam a actuação dum operação de semântica figural, que instancia a transferência da acção (“acção de V”) para o actante ou o instrumento. Assim, além de “acção de V” os derivados significam também “conjunto de agentes que V”, “os que V ou conjunto de instrumentos com que V”, conforme foi salientado em G. M. Rio-Torto (1993). Esta passagem dos nomes de acção para os nomes de alguns dos seus actantes é uma forma de alimentação do grupo dos derivados em *-agem*¹. Exs.:

chatinagem *s. f.* (De *chatinar* + *-agem*) Traficância; negócio sem escrúpulo; os chatins (DLP); Acto ou efeito de chatinar, traficância. A classe dos chatins (GDLP);

legendagem *s. f.* (De *legendar* + *-agem*) Inserção de legendas em (filme, gravura, etc); conjunto de legendas (DLP);

molduragem *s. f.* (De *moldurar* + *-agem*) Acto de moldurar; conjunto das molduras que ornarn uma peça arquitectónica (DLP); 1. Ato ou efeito de moldurar. 2. Conjunto de molduras que adornam uma peça de arquitectura. 3. Moldura (NDALP);

parolagem *s. f.* (De *parolar* + *-agem*) Acto de parolar; os parolos (DLP);

pasquinagem *s. f.* (De *pasquinar* + *-agem*) Difamação por meio de pasquins; os pasquins (DLP);

pedalagem *s. f.* (De *pedalar* + *-agem*) Acto de pedalar; os pedais (DLP);

praticagem *s. f.* (De *praticar* + *-agem*) o m. q. Pilotagem (DLP); 1. Ação de conduzir embarcações através de áreas restritas 2. O conjunto de práticos de determinada área (NDLP).

Analisando atentamente o corpus (de um total de 300 palavras em *-agem* mais de 220 podem ser tratadas como termos) chegámos à conclusão de que o sufixo *-agem*², assim como já foi constatado para o seu equivalente *-age* em francês por S. Fleischman, se especializou na área das operações técnicas e dos processos industriais designando operações e processos concretos. As áreas lexicais específicas nas quais aparece predominantemente dito sufixo são as seguintes:

Área da indústria mecânica ou química: *aluminagem, anielagem, bronzagem, chumbagem, cobaltagem, cloragem, cobreagem, cromagem, estanhagem, plumbagem, zincagem*

braceagem *s. f.* 2. Retribuição que se dava ao dono do metal pelo trabalho de o amoedar (De *bracear* + *-agem*)

brancagem *s. f.* Imposto que se pagava antigamente sobre o pão e a carne vendidos a retalho (De *branca*, moeda de prata + *-agem*)

camionagem *s. f.* Transporte por camião; custo desse transporte (Do fr. *camionnage*, “id”)

carceragem *s. f.* Acto de encarcerar; imposto que o preso paga ao carcereiro (De *cárcere* + *-agem*)

carretagem *s. f.* Acto de carretar; carreto; custo de um carreto (De *carretar* + *-agem*)

consulagem *s. f.* Direitos ou emolumentos consulares (De *cônsul* + *-agem*)

costumagem *s. f.* Coisa habitual; costume; direito consuetudinário; tributo que se pagava por antigo costume e não por lei (De *costume* + *-agem*)

covagem *s. f.* Acto de abrir covas em cemitério; preço desse serviço (De *cova* + *-agem*)

A base destas palavras construídas tanto pode ser nominal como verbal.

Temos a sensação que a acepção de “pagamento”, “imposto”, “custo” da maioria destas palavras caiu em desuso, provavelmente porque os referentes também desapareceram. Hoje em dia continua vigente apenas a acepção parafraseável por “acção de Vb”.

Para o francês são registrados nomes derivados em *-age* que designam condição ou estatuto social (*veuvage*, *servage*, *concubinage*, *esclavage*) enquanto para o português foram inventariados só dois casos: *vassalagem* e *concubinagem*, o que não permite estabelecer uma terceira RCP.

A modo de conclusão podia-se resumir que as palavras derivadas em *-agem* são produto fundamentalmente de duas RCP, a RCP QUANT e a RCP ACT, por conseguinte estamos na presença de dois homónimos *-agem1* e *-agem2*.

Bibliografia

- ALI, M. S. (1964) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 3ª edição melhorada e aumentada de *Lexeologia e Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico*. São Paulo, Edições Melhoramentos.
- CÂMARA JR, J. M. (1979) *História e Estrutura da Língua Portuguesa* (O léxico português), Rio de Janeiro, Padrão-Livraria, Editora LTDA, pp. 189-232.
- CORBIN, D. (1987) *Morphologie derivationnelle et structuration du lexique*, 2, vol Tübingen, Max Niemeyer Verlag.
- CORBIN, D. (1991) “Introduction. La formation des mots: structures et interprétations”, in *Lexique*, No 10, France, Presses Universitaires de Lille, pp. 7-33.

- CORREIA, M. (1999) *A denominação das qualidades – contributos para a compreensão da estrutura do léxico português*, Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- FLEISCHMAN, S. (1976-1977) "The suffix -AGE in Modern French. Language Change Viewed in a Historico-cultural Perspective", *Romance Philology*, volume XXX – number 1, August 1976-1977, University of California Press, Berkeley London, and Los Angeles, pp. 42-58.
- NUNES, J. J. (1930) *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 2ª edição corrigida e aumentada.
- RIO-TORTO, G. M. (1993) *Formação de Palavras em Português: Aspectos da Construção de Avaliativos*, Tese de Doutoramento, Coimbra, Faculdade de Letras.
- RIO-TORTO, G. M. (1994) Regras de formação de palavras em português: achegas para um quadro geral", in: *Diacrítica*, No 9, pp. 319-342.
- VILELA, M. (1994) *Estudos de Lexicologia do Português*, Coimbra, Livraria Almedina.

Dicionários

- COSTA, J. Almeida & A. Sampaio e MELO (1998) *Dicionário da Língua Portuguesa*, 8ª ed. revista, Porto, Porto editora – DLP.
- D'ANDRADE, Ernesto (1993) *Dicionário Inverso do Português*, Lisboa, Edições Cosmos.
- FERREIRA, Aurélio Buarque da Holanda (1986) *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 2ª ed. revista e aumentada, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira – NDLP.
- FIGUEIREDO, Cândido. (1996) *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 25ª ed., 2 vol., Lisboa, Bertrand – GDLPCF.
- GOÉS, Carlos (1930) *Diccionario de affixos e desinencias*, 2ª edição (inteiramente refundida), Typographia americana de Renato Americano, Bello Horizonte (Minas).
- MACHADO, José Pedro (1952) *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 3ª ed., 5 vol. Lisboa, Livros Horizonte, 1977 – DELP.
- SILVA, António de Moraes (1961) *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 10ª ed. revista e aumentada, 12 vol. Editorial Confluência – GDLP.